

SERIA GENTE O BODE YOIÔ?

Juarez Leitão

A mais curiosa peça do Museu do Ceará é um bode empalhado. Em porte altivo, sobre um estrado de madeira, o garboso caprino, um mestiço com fortes acentos da raça parda alpina, atrai a atenção dos visitantes e provoca indagações sobre a razão de figurar no acervo histórico do Ceará. O que um bode, aparentemente contemporâneo, está fazendo entre as peças de um museu histórico-antropológico ?

O bode se chama Yoiô e se constitui um dos mais interessantes personagens da história boêmia de Fortaleza. Objeto de muitas reportagens, crônicas e referências em obras de historiadores do porte de Raimundo Menezes, Abelardo Montenegro, Mozart Soriano Aderaldo e da dissertação de mestrado do professor Sebastião Ponte, está prestes a se transformar em argumento de filme pelas mãos de Cartaxo Filho.

Do Bode Yoiô já se disse quase tudo. Era um animal que fugia ao comportamento de seus semelhantes, preferindo imitar os humanos, sobretudo os homens livres e independentes, os boêmios que ancoravam na Praça do Ferreira nos anos vinte.

Foi dito que o especialíssimo bode fumava charuto, bebia cerveja e uísque, sentava-se num tamborete e parecia escutar as conversas dos poetas e políticos frequentadores dos quiosques do centro da cidade. Que comandava passeatas democráticas e comia a fita das inaugurações quando os discursos se tornavam prolongados e cansativos. Que assistia aos espetáculos no teatro José de Alencar e dormia, ostensivamente, diante das representações enfadonhas ou de conversas desinteressantes na roda boêmia. Que tinha convulsões epiléticas e grandes estremecimentos diante de determinadas músicas, que arremetia os chifres contra os desafetos de seus amigos e se fingia de

morto quando era solicitado por pessoas de inteligência desprezível... enfim, um sem número de exageros que compõem alentada mitologia e que só o espírito galhofeiro do cearense pode explicar.

Quando pensava que já tivesse lido e escutado tudo sobre as peripécias desse rico elemento de nosso folclore, ouvi do nonagenário José Teixeira Lima, morador da rua Carlos Câmara, no bairro do Jardim América, a mais mirabolante e surreal de todas as versões:

O Bode Yoiô seria a reencarnação do engenheiro Paulo de Castro Laranjeira, falecido em 1897.

Mas, de onde teriam arrancado tão estranha ligação?

Paulo de Castro Laranjeira era um engenheiro fiscal das obras do Estado no final do século 19. Morava na Rua do Trilho e tinha vinte e nove anos de idade. Boêmio e seresteiro, fazia versos, cantava e tocava piano. Nas noites enluaradas saía com sua turma de amigos, todos bons de copo e de voz, para as serenatas à porta dos sobrados da Rua do Imperador e da Rua Formosa. Usavam violões, banjos, bandolins e, algumas vezes, até um piano alemão, que era transportado por quatro homens numa espécie de padiola com muita dificuldade.

Naquele ano de 1897 o seresteiro estava apaixonado. Uma figura esbelta, mãos finas e palidez romântica, abundantes madeixas e verdes olhos de mar, passara diante dele acompanhada da criada e, a partir dali, nunca mais fora o mesmo. A mulher entrara-lhe de alma a dentro e se apossara de seus sentimentos, não lhe dando tréguas para pensar noutra coisa que não fosse o desejo avassalador de namorá-la, de casar com ela.

Coitado do doutor Paulo! Aquilo era um amor unilateral. A moça não lhe daria a menor atenção. A família não permitiria o romance nem em sonhos e a própria desejada tinha restrições intransponíveis à sua delirante pretensão. A fama de boêmio inveterado que o Paulo tinha construído com tanta devoção seria a causa da repulsa. Nenhuma

moça casadoira, mesmo naquele tempo, sendo bela, rica e detentora de um bom dote, aceitaria se casar com um dissoluto cujas noites eram preenchidas com violões, patuscadas e bebedeiras, sobrando para a esposa, apenas, a irremediável solidão. Decididamente, ele não tinha chance.

O poeta não se deu por vencido. Noite após noite, lá estava ele embaixo do sobrado da moça, gemendo a sua paixão, numa obstinação que só os amigos, por fidelidade canina, compreendiam.

O amor desvairado passou a comprometer o trabalho. Já não rendia o mesmo em suas tarefas. Tornou-se um homem triste, macambúzio, amargo.

Um dia chegou para o seu amigo e parente Raimundo Nonato e disse que tinha uns versos para ele musicar. A canção deveria se chamar TEU DESPREZO:

“Eu te consagro, ó mulher, os meus afetos
Meu viver só consiste em te adorar
Para que foges, assim, de quem te ama?
Eu fui um louco, ó mulher, em te amar.

Estribilho

Teu desprezo me arrasta lentamente
Para a campa solitária vou partir
E a morte será minha vingança
Para que serve, ó mulher, eu existir.

São tantos males que torturam minha vida
O meu pranto não cessa um só instante

Sofro tudo por ti, mulher querida,
Mas, por Deus, eu te juro ser constante.

Quando ouvires os dobres de um sino
São sinais por um pobre que morreu
Deita ao menos uma lágrima em lembrança
Por aquele que por ti tanto sofreu.

Quando fores um dia ao cemitério
Uma campa bem triste lá verás
Não perturbes, ó mulher, por piedade
O sono mortuário de um rapaz.

Se fitares meu sepulcro esquecido
Ó tu, a quem tanto idolatrei,
Deita sobre meu túmulo uma saudade
Em troca do amor que te jurei.”

Depois dos devidos ensaios, eis o trovador, na noite seguinte, à porta da amada, desfiando este rosário adocicado de lamúrias e o repetindo duas ou três vezes, embora sem sucesso algum: a donzela não abriu a janela do sobrado.

Laranjeira foi-se abatendo cada vez mais. Certa tarde chegou ao Café Java e solicitou de Mané Côco que lhe preparasse quinze garrafas de champanhe para aquela noite. Alegou o dono do quiosque que para tão avultada compra precisava de um prazo.

Dias depois, a bebida pronta, enterrada na serragem com areia molhada para quebrar a morrinha, foi entregue no local combinado que não era outro senão a calçada da casa da inspiradora de Paulo Laranjeira. Os violões entraram em ação e o poeta cantou mais uma vez o TEU DESPREZO que, como das outras vezes, não teve nenhuma resposta. Então ele serviu o champanhe e abraçou emocionado os amigos com efusivas despedidas para, de súbito, ante a estupefação de todos, puxar o revólver e detonar um tiro no ouvido. Eram onze e meia da noite de 14 de fevereiro 1897.

No dia seguinte, com grande acompanhamento, Paulo Laranjeira era sepultado no São João Batista e o jornal “A República” fazia extenso necrológio do boêmio, trazendo também uma crônica de saudade de Alves da Fonseca, sugerindo, inclusive, a construção de um memorial.

A família do pranteado engenheiro, alguns dias depois, através do jornalista Benedito Sidou, procurou tornar menos patético seu ato suicida, afirmando que a morte, por causas naturais, ocorrera em sua própria residência e “não no meio da rua, como andam dizendo.”

O povo, entretanto, preferiu a versão mais dramática.

Os companheiros de boêmia de Paulo Laranjeira passaram a comemorar o seu aniversário, 08 de junho, todos os anos, ocasião em que cantavam, repetidas vezes a tristíssima canção do malfadado seresteiro. Começavam a beber na Praça do Ferreira, por volta das quatro da tarde e, lá pelas nove, saíam em serenata, fosse ou não noite de lua.

Decorreram dezoito anos. Muitos já tinham emigrado para o Rio de Janeiro ou morrido, mas um fiel grupo de devotados continuava a cultuar a memória do amigo.

Certa tarde, em plena seca do quinze, um grupo de flagelados entra na praça conduzindo um bode. Tinha nome: era o Bode Yoiô e eles queriam vendê-lo para comprar feijão, farinha e rapadura. Apesar

do rígido tempo de estiagem, o caprino era vistoso, de pelo muito bonito. José Magalhães Porto, gerente da empresa inglesa Rossbach Brazil Company mostrou-se interessado e de fato o comprou.

A estampa do bode tinha alguma coisa de especial. À beleza plástica aliava-se uma elegância natural e um olhar que parecia querer ir além da mudez da irracionalidade, como se tentasse dizer alguma coisa. O bode, diziam os boêmios, parecia gente.

Foi essa aparência, digamos peculiar, que salvou Yoiô da imolação e consequente extração da pele que, se bem curtida, daria uma boa vaqueta. Seus proprietários resolveram deixá-lo solto e ele, sem cerimônia, pôs-se a perambular pela cidade, indo e vindo da Praia de Iracema, onde ficava a Rossbach Company, para a Praça do Ferreira, coração fervilhante da cidade.

O bode era como se fosse um cidadão na humilde Fortaleza do começo do século vinte. Não propriamente um pacato cidadão. Tinha uma queda para a bebida, preferindo, especialmente, a cerveja. Gostava da conversa descompromissada dos intelectuais, das piadas do Quintino Cunha, dos bêbados declamadores, além de ser um tremendo tabagista, pois polmava bons charutos caribenhos. Solteirão, preferia o convívio das pessoas ao das cabras, talvez forçado pelas circunstâncias que o faziam um ser distinto da sua espécie, já que exercia a elevada posição de mascote predileto da cidade.

Um dia terminou, porém, identificado. Festejava-se, mais uma vez, o aniversário do Paulo Laranjeira, *in memoriam*. À determinada altura o seresteiro Roberto Xavier de Castro, conhecido como Fetinga, começou a cantar TEU DESPREZO. O que aconteceu, a partir dali, deixaria a todos impressionados. O Bode Yoiô deu um salto violento e caiu esparramado no chão, entrando em convulsão. Parecia apoplético, as patas abertas, a língua mordida na diagonal, o olho vesgo. Uma gosma descia-lhe da boca, e ele resfolegava nos estertores.

Assustados os boêmios e transeuntes da praça esperavam apenas o último suspiro do estimado caprino, quando, de repente também, ele começou a melhorar. Logo depois, para alívio geral, estava completamente restabelecido, embora persistisse uma certa tristeza em seu olhar.

Fetinga, Jaime Vasconcelos, Amadeu Xavier, Hidelbrando Pompeu e outros seresteiros presentes, desconfiaram que a reação de Yoiô tinha sido provocada pela canção do suicida. Então fizeram o teste e não deu outra: tão logo começaram a cantar TEU DESPREZO o bode empinou-se todo e desabou no chão novamente, como um epilético.

“É o Laranjeira”, gritaram eufóricos. “O Bode Yoiô é o nosso amigo Paulo Laranjeira!”. Nascia uma lenda.

Segundo Zé Teixeira, no outro dia o Padre Quinderé apareceu na Praça do Ferreira “fumando numa quenga”(sic) e censurando severamente os boêmios que, por beber demais, estavam agora inventando histórias absurdas que, além de ser mentirosas, intentavam contra os princípios da Igreja Católica. Não bastava a manifestação de zoolatria que grassava no Juazeiro com o tal do Boi Santo? Queriam agora inventar em Fortaleza um Bode Poeta? E Dom Manuel, o arcebispo, proibiu qualquer comentário na imprensa sobre o estranho episódio.

Indiferente à querela, o Bode Ioiô, continuou sua vidinha de folgado, comendo, bebendo, fumando e participando ativamente dos movimentos cívicos. Em 1930, já velho, ainda teve forças para, comandando os vitoriosos aliancistas, invadir o Palácio da Luz para depor o governador Matos Peixoto, desferindo democráticas marradas nos guardas palacianos e em todos os carcamanos da República Velha que encontrou pela frente.

Yoiô morreria de velhice em 1931, mas está perpetuado em sua aparência original, altivo e garboso como sempre foi.

Do seu estrado, exibindo sua condição de peça mais curiosa e visitada do Museu do Ceará, parece rir dos que quiseram destruir a sua memória ou negar-lhe o singularíssimo desempenho vital.